

Lx, 24-9-79

Al. Sto António dos Capuchos 6-3A
1100 LISBOA

Sra. Eug^a Maria de Lurdes:

fidr
- (X)

Sou o seu vizinho do 3^oA, o único empregado da Associação de Fornecedoras de Óptica, e apeteia-me comunicar consigo, essencialmente porque desejara que a campanha ininterrupta contra si a não descorajasse, mas também porque nem todos os dias se é verinho dom 1^o-ministro.

Gostara de lhe dizer que me merece a maior simpatia, assim como à minha família — porque a senhora irradiava sinceridade e boa fé, e porque apesar do pouco tempo de que pôde dispôr já mostrou o seu real empenho em governar. O seu antecessor vinha aparentemente com o único fito da "révanche", e o dr. Mário Soares prezou mais a sua imagem pública e a do partido que a resolução dos interesses nacionais. Não dedota que estou a reproduzir algum discurso alheio; nem sequer sei ainda em quem votar em Dezembro!...

Talvez vá ser insolente e não lhe interesse a opinião dum cidadão mais que vulgar; mas mesmo assim vou dar-lhe algumas opiniões sobre o que o seu Governo tem feito.

— Gostei do Código do Imposto de Transacções e do que disse o dr. Sousa Franco sobre impostos. Aqui nesta Associação sei como é escandalosa a fuga ao imposto e pensando embora que a sra. não poderá resolver a nossa crise económica — visto concordo com o dr. Sousa Tavares: a crise económica resulta da crise política e não ao invés, como pensa o general Eanes — penso que o seu Governo poderá, ao menos, deixar as bases duma fiscalidade eficaz. A fuga patrimonial aos impostos é uma injustiça social das mais escandalosas, além duma causa das limitações orçamentais do Estado. É duma injustiça atroz resolver a fraude fiscal dos empresários aumentando ainda mais os impostos dos pobres, como julgo que era a ideia-guia da proposta invertebrada do imposto extraordinário do seu antecessor.



— Gostei da recente decisão de maximizar a utilização da engenharia nacional nos projectos de desenvolvimento. À noite, quando saio da Associação, vou para o I.S.T. das 18 horas à meia-noite. A energia eléctrica e os sistemas de potência são a minha paixão e não sou o "ás" do meu trabalho mas considero-me entre a melhor meia-dúzia.

De nada gostaria mais do que saber que quando acabar o meu curso — o que espero suceda em Julho próximo —, poderia pôr o que aprendi e me resta aprender a realizar-se

em projectos, em desenvolvimento técnico e económico, em progresso nacional. Olas infelizmente muitas vezes reflecto que a única técnica realmente útil neste país é de nível operário — porque quando é necessária verdadeira engenharia geralmente recorre-se ao estrangeiro e eu, por muito entusiasta que tenha agora, hei-de acabar por esquecer tudo as tarefas da burocracia administrativa e/ou da gestão comercial (se obtiver emprego!...).

Até mesmo os que persistem em dedicar-se à engenharia acabam por estagnar no dilettantismo académico, em estudos sem objectivo prático, como vejo na maioria dos meus bons professores. Há excepção, mas tão raras e difíceis!...

— Pela primeira vez em anos parece que o computador do MEIC foi bem programado e as colocações de professores bem feitas (pelo menos são estes os dados da minha observação pessoal). Se foi assim, repôs-se uma situação de justiça que vinha a provocar inúmeros conflitos gratuitos a milhares de professores — e alunos —, o que tem um valor que a opinião pública ainda me parece não ter compreendido bem.

Por acaso, pessoalmente, este processo de colocação bem feito pôz-me em dificuldades: a minha mulher, que é professora eventual de Inglês, há 3 concorre para o Porto e arredores. Havia escolhido cuidadosamente as escolas a que concorreria, pois teriamos então ir viver para o Norte (eu estava desempregado e ainda não tínhamos filhos). Sabe onde a colocou o MEIC? No liceu D. Leonor em Lisboa, e simultaneamente no Cadaval!...

Bom, ela ficou no D. Leonor e radicamo-nos por cá. Obtive este emprego (por concurso impericial, note), lográmos alugar casa (clandestina e longe, é óbvio), e ela foi pedindo todos os anos a recondução. Apesar de ser eventual e só ter o bacharelato, foi-a obtendo, graças, penso, à inércia natural dos serviços de colocação do MEIC. Recosa dos habituais desperates do MEIC, no boletim de concurso de Marco deste ano não indico, como alternativa à recondução, escolas afastadas de Lisboa, não fossem os serviços do MEIC peger-lhe na palavra!... (tenho um colega — esse é o "ás" do meu curso, apesar de estivar —, que fez o seu serviço civil nos serviços de colocação de professores do MEIC e que conta coisas inacreditáveis que viu...)

Resultado: este ano as colocações foram imperadamente



bem feitas e a miúda mulher descobriu, há uma semana, que estava desempregada!

Penso que esta eventualidade acentua de os concorrentes não preencherem racionalmente os seus boletins de concurso tentando defender-se da ilógica habitual do MEIC, e depois serem vítimas duma imprevisível racionalidade, nunca terá lembrado ao seu ministro da Educação, que me diz?

— Gostei da forma como resolveu a greve dos médicos, sem abandonar o projecto do SNS.

Esta questão dos médicos e a mentalidade de "mercadores de saúde" da sua maioria indigna-me particularmente!

Há dois anos a miúda mulher teve uma filha. Era uma criança que desajustamos profundamente e não um fruto casual das leis de auto-preservação da Natureza.

Foi no hospital de Santa Maria. A miúda mulher tinha feito preparação para o parto psicoprofilático e partou-se maravilhosamente. Infelizmente tinha a bacia estreita e na ocasião da expulsão nenhum dos médicos da equipa de serviço estava na sala de partos.

Vieram tarde e fora da história do parto. Encravaram com fórceps a cabeça da criança na bacia da mãe, depois recorreram à cesariana. Esta última deu-se (houve, que de seccionar a cabeça da criança) e entretanto a anestesia provocou a habitual depressão respiratória na criança. Quando lograram pô-la a respirar já grande parte das suas células cerebrais tinha morrido e hoje temos uma filha com gravíssima parálise cerebral e eventual atraso mental!

Não foi um problema de competência técnica; o chefe da equipa é o regente da cadeira de obstetria na Faculdade de Medicina. Sabe que nos disse ele, quando depois lhe falámos? Que na sua clínica privada os cuidados eram melhores...!

E, por outro lado, não é triste que o único centro do país especializado em parálise cerebral seja o da Gulbenkian? Se sim, e porque houve um estranho benevolente que o esmolou...!

— Provavelmente será o seu Governo quem regulamentará a nova lei sobre arrendamento urbano, concretizando-o.

Se o acompanhamento da inflação pelas vendas puder estimular a construção civil, ótimo: por um lado resolve-se o problema social da falta de casas. A casa



clandestina que aluguei há mais de dois anos, sem água canalizada nem luz legalizada, com o comércio muito próximo a uma legua de distância, com um lamacal como acesso, custou 5000000 apesar das sete três vigas res assalhadas de má construção (agora já as aluguei, iguais, por 8000000). As rendas também suscitam perca está cá ser?

Por outro lado uma expansão da construção civil tem efeitos multiplicadores apreciáveis na nossa economia, sem grande acréscimo das importações: do cimento e do ferro até às tintas, telhas e material para as instalações eléctricas, tudo cá se fabrica.

Mas não compreendo por que se pretende que o investimento numa casa para alugar renda tanto como o mesmo investimento no banco. É certo que 1000 contos no banco podem render 16,6 contos por mês — mas a 20% de inflação anual, dentro de dez anos estes 16,6 contos nesta altura valem 2,7 contos de hoje; ora as rendas ir-se-ão abrandando a esse 20%, pretende-se. Fazendo um cálculo a 50 anos, tendo em conta o envelhecimento da casa, vale-se 2,2 contos que se actualizem ao mesmo ritmo de inflação, equivalem aos 16,6 contos eternos do dinheiro no banco. Bom, no seu governo deve haver quem saiba mais economia que eu (já se cuida o futuro) e a da cadeira respectiva que estudei este ano no IST). Espero, de facto, é que seja possível incrementar a construção sem se ter de despejar simultaneamente metade da população o que seria um evidente absurdo económico e social.

— Finalmente gostaria de lhe dizer que gosto do seu ministério da Comunicação Social. Acho uma certa piada à indignação dele perante a falta de estótipos da campanha que vos visa; será que ele, um militar, ignora que a política é a guerra por meios pacíficos?

Mas aplaudo inteiramente as substituições das administrações da RTP e do D.P. Pensei que eram exactamente os primeiros passos a dar.

Não sei se costuma ouvir rádio. Eu costumo, já que a TV me impedia de estudar e sou alérgico ao dirigismo cultural. Não caluza, pois, o meu desgosto por ter sido eliminada da rádio a boa música portuguesa; agora são horas e horas sucessivas de "rock" importado, eu tremendo de algum neo-nacional-camonecismo. E depois,



parece que houve uma sanha anti-cultural. Tudo o que havia de bom foi exterminado, à exceção da "Forma e conteúdo", talvez por ser demasiado intelectual para poder ter um público vasto. O programa de poesia "Palavras Ditas" do Mário Viegas (e eu, que gosto pouco de ler poesia, gosto de a ouvir); o excelente programa informativo "O Dito e o Feito" do Letra; etc, sem me referir sequer aos programas de conho mais político, como o "Contraponto"! Agora, experimente ouvir o programa "Vida na Noite", de madrugada, se quiser rir da incalculável saloíce e falta de gosto da rádio!

E quanto ao Diário Popular, não nego que por lá não proliferasse, à vez, o pensamento eclético de certa esquerda desorientada. Mas com Jacinto Baptista o jornal tinha uma riqueza informativa e um interesse cultural que valia o seu preço (caro). Agora euchem-no de "patilha" e o jornal reacquiriu o ar fétido que tinha antes do 25 de Abril. A tiragem caiu a pique e vieram com o concurso (tipo publicidade da banha da cobra) a fechar o ramalhete de vazio jornalístico. Julgo que não é demais desejar um jornal, um só, que nos faça sentir que pode haver imprensa verdadeiramente moderada e inteligente depois do 25 de Abril!

E isto de informação isenta pouco justificar a sensibilidade.

Antes de **Fundação Cuidar o Futuro** Nesta época divulguei clandestinamente prospectos sobre a guerra colonial e outros (pertencei a um grupeto clandestino), e por isso passei dez meses em Caxias, fui julgado e condenado. Aparei um esgotamento cerebral de que levei um ano a curar-me.

Depois do 28 de Setembro alguns fanáticos fizeram-me acusações falsas de que me teria ligado à PIDE durante a minha anterior prisão. Voltei para Caxias, onde estive dezanove meses, enquanto em vinda imprensa foi várias vezes caluniosamente exortado, sem me poder defender. Pois!... Dezanove meses nas mesmas celas dos meus tortionários, os que me tinham batido, posto em estriba, privado do sono, isolado numa cela sem poder ler durante três meses!...

Mal não guardei rancões; apenas muito desgosto pessoal e um certo "calo" político. Talvez por isso a senhora me seja o 1.º - ministro mais simpático desde o 25 de Abril.

Gostaria um dia de conversar calmamente consigo; talvez haja mais oportunidades quando já não for governante. Entretanto conte comigo para o que precisar.

José Luís Costa Pinto de Sá

